Discursos do presidente Lula na COP31, na Turquia

Discursos del presidente Lula en la COP31, en Turquía

Speeches by President Lula at COP31 in Turkey

Discurso do presidente Lula na sessão de abertura da Cúpula de Líderes da COP31[1]

"Eu quero cumprimentar o presidente Erdogan [Recep Tayyip, da Turquia] pela calorosa recepção à minha delegação e à delegação de todos os participantes. Quero, da mesma forma, dizer ao secretário-geral da ONU, António Guterres, que a sua passagem pela Secretaria-Geral será inesquecível para as pessoas que defendem a democracia e defendem a questão climática.

Quero parabenizar os chefes de Estado e de Governo que estão presentes; Murat Kurum, presidente da COP31 e ministro do Meio Ambiente, Urbanização e Mudanças Climáticas da Turquia; chefes de organizações internacionais; meus amigos e minhas amigas.

É uma enorme satisfação estar nesta sessão de abertura.

Realizar a COP31 na Turquia tem enorme significado simbólico.

Em um momento em que divisões geopolíticas ressurgem em todo o mundo, nada mais apropriado que esta reunião ocorra em um país onde, há milênios, diferentes povos e culturas se aproximam.

Nos próximos dias, a missão de Antália não será apenas servir de ponte entre perspectivas distintas.

Estará nas mãos da COP31 devolver à mudança do clima a atenção que ela merece.

Há um ano, o planeta saiu da COP30 revigorado.

O coração da Amazônia pulsou com a maior participação popular da história das conferências do clima.

Pela primeira vez, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e todos aqueles que têm a floresta como casa ou causa ganharam protagonismo.

Suas vozes foram ouvidas pelas delegações, que reconheceram a necessidade de passar da negociação à implementação.

Mas, no percurso de Belém a Antália, esse ímpeto arrefeceu.

No início deste ano, a mudança do clima desapareceu dos discursos e dos documentos das lideranças globais.

Nas reuniões do G7 e do G20, foros que reúnem os maiores emissores mundiais de gases do efeito estufa, a preocupação se tornou silêncio.

Passamos a falar mais de armas e tarifas do que sobrevivência das futuras gerações.

A transição energética passou a ser vista por alguns como um empecilho à segurança e à prosperidade das nações.

Com as guerras e a inflação batendo à porta hoje, fica mais difícil pensar na catástrofe climática de amanhã.

Mas o planeta não pode ficar à mercê de disputas hegemônicas.

Secas, enchentes, incêndios e a elevação do nível do mar já fazem parte da realidade de milhões de pessoas.

---

[1] Discurso disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2026/11/discurso-do-presidente-lula-na-sessao-abertura-da-cupula-de-lideres-da-cop31-na-turquia

Famílias perdem vidas, casas, empregos e meios de subsistência.

Desastres provocam deslocamentos que se somam aos motivados por conflitos armados ou fatores econômicos.

Em Belém, eu disse que a COP30 seria a COP da verdade.

O Brasil convidou a comunidade internacional a dizer, em alto e bom som, se acreditava ou não nos cientistas.

Se confiava ou não nas instituições multilaterais.

Mas a ciência e o multilateralismo continuam sob ataque.

Não é por acaso que a incorporação das contribuições do IPCC ao processo negociador da COP esteja em xeque.

Nem é coincidência que os acordos climáticos sejam os alvos favoritos de forças reacionárias.

Nas COPs, todas as nações participam em pé de igualdade.

Em outros foros, o privilégio do veto e o poder do dinheiro desequilibram a balança.

Sabotar o regime climático é destruir o que o sistema multilateral tem de melhor.

Mas a falta de consenso não pode se tornar um obstáculo para avanços.

Em tempos de polarização, a diplomacia precisa saber abrir janelas onde portas se fecham.

Trago, hoje, cinco mensagens, inspiradas em iniciativas que o Brasil impulsionou nos planos internacional e nacional.

A primeira mensagem tem relação com os três mapas do caminho que Belém deixou como legados.

Esses mapas ajudarão o mundo a cumprir tarefas imprescindíveis:
• assegurar que o financiamento climático atinja 1,3 trilhão de dólares por ano;
• promover a transição dos combustíveis fósseis para outras fontes de energia;
• parar e reverter o desmatamento.

Contamos com a liderança da Turquia e da Austrália para garantir que as recomendações contidas nesses documentos sejam difundidas e incorporadas ao próximo Balanço Global.

O Brasil vai fazer a sua parte adotando mapas do caminho nacionais para reduzir a dependência de combustíveis fósseis e eliminar o desmatamento e a degradação da floresta.

Também seguiremos promovendo nossas plataformas de investimentos sustentáveis, que já mobilizam bilhões de dólares em capital público e privado.

A segunda mensagem diz respeito ao Fundo Florestas Tropicais para Sempre, o famoso TFFF.

Belém também deixou a lição de que soluções inovadoras são possíveis quando há vontade política.

O TFFF conseguiu angariar o apoio de dezenas de países e está perto de reunir os investimentos necessários a iniciar sua operação.

O apoio de novos parceiros é bem-vindo para que o mecanismo atinja seu pleno potencial.

A terceira mensagem reforça a urgência de ampliar as metas de redução de emissões.

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, uma elevação média de um grau e meio na temperatura da Terra já é inevitável.

As Contribuições Nacionalmente Determinadas continuam sendo a principal ferramenta para combater a mudança do clima.

Mas, mesmo se cumpridas as NDCs atuais, caminhamos para um aumento de 2,8 graus.

É imperativo pensar em novas estratégias para acelerar a transição energética.

As propostas da COP31 de avançar na eletrificação e reduzir a geração de resíduos complementam o objetivo da COP30 de ampliar o uso de combustíveis sustentáveis.

O Brasil é prova de que é possível fazer a economia crescer e mitigar o aquecimento global.

Caminhamos para nos tornar a oitava economia do mundo ao mesmo tempo em que reduzimos as emissões de gases do efeito estufa em 42% desde 2005.

Evitamos que 560 milhões de toneladas de carbono fossem emitidas na atmosfera entre 2022 e 2024.

A quarta mensagem tem a ver com o papel das florestas.

Como guardião da maior floresta tropical do planeta, o Brasil segue liderando pelo exemplo.

O desmatamento teve diminuição histórica em todos os nossos biomas.

Apenas na região amazônica, a queda foi de 71% entre 2022 e 2026.

A quinta e última mensagem diz respeito à relevância da cooperação internacional para a preservação da Floresta Amazônica.

O Brasil retomou o Fundo Amazônia em 2023.

Tivemos, no ano passado, recorde histórico de aprovação de projetos, que beneficiaram 3 em cada 4 municípios amazônicos.

A colaboração de países parceiros evidencia que a ação global pode ter importante impacto local.

Queridas amigas e amigos, senhoras e senhores,

A crise climática é, também, uma crise de injustiças.

Injustiças de classe, gênero e raça e injustiças entre os países.

Não faz sentido abandonar o princípio das “responsabilidades comuns - mas diferenciadas”.

Os países ricos se desenvolveram às custas do planeta e devem cumprir seus compromissos.

A próxima COP, em solo africano, representa uma oportunidade histórica de garantir mais recursos para um continente que se encontra estrangulado pelo endividamento.

Amigos e amigas,

O Brasil foi às urnas há duas semanas.

Em uma mobilização sem precedentes, o povo brasileiro empunhou as armas da democracia.

Confrontou aqueles que negam as evidências da ciência.

Que ameaçam a sobrevivência da maior floresta tropical, da maior biodiversidade e da maior reserva de água doce do mundo.

Não foi o triunfo de um partido político ou o triunfo de um candidato.

Foi a escolha de um projeto de nação que tem a sustentabilidade como pilar.

Dos indígenas que percorreram quilômetros para defender seus territórios.

Dos idosos que saíram de suas casas para evitar retrocessos em conquistas e direitos.

E dos jovens que se levantaram para garantir um amanhã digno para as novas gerações.

Eles mostraram que a luta contra a mudança do clima vai além dos salões diplomáticos.

Ela é travada pelo voto de cada mulher e de cada homem que deseja fazer a diferença.

Que os líderes aqui reunidos estejam à altura daqueles que, em todo o mundo, aspiram a um futuro justo e sustentável.

O Brasil está de volta para defender a continuidade de um planeta saudável.

Boa sorte.

Discurso do presidente Lula na Cúpula de Líderes sobre Florestas[2]

Vim a Antália com mandato renovado pelo povo brasileiro para aprofundar um projeto de governo que coloca o desenvolvimento sustentável no topo de suas prioridades.

Esta Cúpula de Líderes é especial porque coroa um processo inédito para os países detentores de florestas tropicais.

Nossa jornada começou em 2023, com a Cúpula da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica.

Em parceria com a República do Congo, a República Democrática do Congo e a Indonésia, assinamos a Declaração "Unidos pelas Florestas".

Na COP28, em Dubai, definimos o compromisso de deter e reverter o desmatamento e a degradação florestal até 2030.

Na COP30, em Belém, assumimos a tarefa de construir um Mapa do Caminho para alcançar esse objetivo.

A noção equivocada de incompatibilidade entre conservação e desenvolvimento pertence ao passado.

Estamos percorrendo um caminho que coloca os países detentores de florestas tropicais no centro das decisões globais sobre o clima.

Não mais como parte do problema, mas como protagonistas.

Sabemos o que é preciso fazer.

Reconhecer o valor da floresta em pé e dos povos que a preservam; pôr fim à devastação; e restaurar as áreas degradadas.

Temos diante de nós três desafios principais:

O primeiro é a superação da pobreza.

A degradação ambiental e o desmatamento estão relacionados a altos índices de violência e a baixos indicadores na área social.

A prosperidade baseada na floresta em pé também depende de políticas públicas que coloquem as pessoas como prioridade.

50 milhões de pessoas vivem no bioma amazônico sul-americano.

São habitantes de cidades de pequeno, médio e grande porte, que precisam de serviços, empregos e renda.

São comunidades ribeirinhas, indígenas, quilombolas que dependem diretamente da floresta e de suas riquezas.

São agricultores que sabem que é possível produzir sem aumentar as pressões sobre a vegetação nativa.

A bioeconomia é uma das alternativas à exploração predatória dos recursos naturais.

Sistemas alimentares que valorizam a agroecologia demonstram que é possível produzir alimentos, gerar renda, recuperar a natureza e fortalecer a resiliência às mudanças climáticas.

O turismo sustentável também pode valorizar as culturas locais e ampliar as oportunidades econômicas das comunidades.

Os saberes tradicionais devem ser associados à pesquisa científica e à tecnologia de ponta para gerar inovação e prosperidade.

O segundo entrave é a falta de recursos.

---

[2] Discurso disponível em: https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2026/11/discurso-do-presidente-lula-na-cupula-de-lideres-sobre-florestas-durante-a-cop31-na-turquia

O mundo reconhece o valor das florestas, mas ainda não está disposto a financiar sua proteção na escala necessária.

Mobilizamos menos de um terço desse valor.

Em Belém, apresentamos ao mundo uma proposta inovadora, o Fundo Florestas Tropicais para Sempre.

A cooperação entre o Norte e o Sul Global é chave para proteger o planeta.

Esse mecanismo revoluciona a relação entre economia e conservação ambiental.

Não se trata de doação. Os investidores públicos e privados irão receber retornos financeiros sobre os recursos aplicados.

E os países que conservam suas florestas poderão contar com uma fonte constante de recursos para fortalecer suas políticas nacionais, respeitando suas próprias prioridades de desenvolvimento.

Com o TFFF, já mobilizamos 7,8 bilhões de dólares de diferentes parceiros internacionais.

A iniciativa conta com o endosso de 66 países e da União Europeia, incluindo países que concentram cerca de 90% das florestas tropicais do planeta.

Novos investimentos são bem-vindos.

A operacionalização do TFFF permitirá transformar compromissos em resultados concretos.

Senhoras e senhores,

O terceiro obstáculo é a falta de liderança.

Em 2026, o enfrentamento da mudança do clima saiu da agenda do G7 e do G20.

O planeta não pode mais esperar enquanto guerras e conflitos comerciais consomem tempo e recursos escassos.

A falta de compromisso com a redução de emissões e descarbonização das economias é uma grave ameaça às florestas tropicais.

Se esses biomas ultrapassarem seu ponto de não retorno, o equilíbrio climático global pode se romper.

Mas minha mensagem aqui é de esperança.

Quando existe determinação dos governantes, políticas públicas consistentes e participação da sociedade civil, aquilo que parece impossível começa a se tornar realidade.

A defesa e o desenvolvimento da Amazônia ocuparam um lugar central em meu terceiro mandato e continuará assim no quarto.

O Brasil combina prevenção, instrumentos econômicos, recuperação da vegetação nativa e bioeconomia para transformar a floresta em pé em fonte de renda e competitividade.

Nesta COP, apresentaremos nosso “Mapa do Caminho Nacional para interromper e reverter o desmatamento e a degradação florestal”.

Estamos no rumo certo para manter ou ampliar a área de vegetação nativa em nossos biomas até 2030, conforme nos comprometemos.

Registramos uma redução histórica no desmatamento em todos os biomas.

Na Amazônia, houve queda de 70%. No Cerrado, de quase 50%.

Acrescentamos 2,5 milhões de hectares de áreas protegidas ao patrimônio ambiental brasileiro.

Desde 2023, foram 20 terras indígenas homologadas - uma extensão territorial maior que a da Bélgica.

Essas ações, que vêm mudando a realidade na região, contaram com o inestimável apoio do Fundo Amazônia. O Fundo foi retomado e o número de parceiros foi ampliado.

Setenta e cinco por cento dos municípios amazônicos se beneficiaram de projetos do Fundo.

Estamos transformando o “Arco da Destruição” na Amazônia no “Arco da Restauração”, com dezenas de projetos de restauração florestal e sistemas agroflorestais.

Já recuperamos 4,5 milhões de hectares de solos e pastagens degradadas. A meta é chegar a 40 milhões em dez anos.

Meus amigos e minhas amigas,

No próximo ano, inicia-se a Década das Nações Unidas para o Florestamento e o Reflorestamento, proclamada pela Assembleia Geral para o período de 2027 a 2036.

Nosso desafio será o de reunir vontade política, recursos financeiros e fomentar a cooperação internacional necessária para defender as florestas e as populações que vivem nesses biomas.

Essa é uma contribuição essencial para proteger o planeta dos efeitos nefastos da mudança do clima.

Contem com o Brasil.

Muito obrigado.